



Winnicott, D. (1982). *A criança e o seu mundo* (5a ed.) Rio de Janeiro: Zahar editores.

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N2A10

Maria de Lourdes Nunes **Rodrigues**¹
Daniele Ribeiro **Ganda**
Delza Ferreira **Mendes**

Na introdução da obra Winnicott esclarece que as necessidades de uma jovem mãe vão muito além de ler esse livro, pois ela precisa do apoio de profissionais da saúde (médico e enfermeiro) e de um marido dedicado no exercício de sua maternidade. De acordo com o autor, apesar dos estudos sobre a relação entre mãe e bebê auxiliarem no cuidado com o filho, ainda assim os melhores instintos maternos provêm naturalmente.

Na infância há uma dependência inconsciente da criança para com a mãe, mas também há dependência da mãe em relação ao bebê. A maternidade resulta em mudanças físicas e sentimentais, pois a partir desse momento é necessário transferir todo o interesse primeiramente para a criança. Em mães normais isso é visto com naturalidade e benefícios, mas pode representar uma carga negativa caso o bebê tenha sido indesejado. A presença da mãe é de extrema importância para o desenvolvimento do bebê. Seus ensinamentos e o vínculo estabelecido contribuem para o desenvolvimento de sua personalidade e capacidade de relações e para a formação de um adulto saudável e independente. Um bebê privado de contato afetivo com a mãe está sujeito a perturbações emocionais e dificuldades pessoais à medida que crescer.

É durante as brincadeiras que a mãe reconhecerá o bebê ao mesmo tempo em que será reconhecida, dando início à primeira relação social do bebê. É a partir dessa relação que as próximas desenvolver-se-ão: a criança com o pai, com outras crianças e, finalmente, com a sociedade.

Durante os cuidados rotineiros tais como banho, troca de fraldas, hora de dormir são momentos em que ocorrem o conhecimento e o despertar do amor entre mãe e filho.

A hora da amamentação é especialmente citada pelo autor como importante para o desenvolvimento do bebê, de sua personalidade e do conhecimento entre mãe e filho. É nesse momento que ele reconhece a mãe e sente seu afeto. O cenário da amamentação deve ser o mais calmo possível e possibilitar ao bebê sentir-se amorosamente envolvido.

¹ Endereço eletrônico de contato: mlourdesgaldino@hotmail.com
Recebido em 04/05/2020. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 10/06/2020.



Nesse contexto, o autor relata que as mães que amamentam no peito encontram uma experiência muito mais rica no ato de amamentar e contribuem para estabelecer relações entre dois seres humanos.

A respeito do pai o autor comenta que seu papel é proteger a mãe e o bebê, defendendo-os de tudo que possa interferir e prejudicar o vínculo que está sendo criado entre eles. Sua função é criar um espaço que permita à mãe dedicar-se à criança, poupando-a de coisas externas. Ele deve dar apoio material, apoiar na realização das tarefas, dar apoio moral e emocional, e fazer com que a mãe se sinta bem. Depois, gradualmente, estabelecer relações diretas com a criança. Primeiramente a criança identifica as qualidades da mãe para depois perceber que o pai também pode possuí-las. Mas está nas mãos da mãe tornar a relação pai-filho mais fértil ou impedi-la. Ela deve esforçar-se e ajudar tanto a ela quanto as crianças a se conhecerem mutuamente. Em relação à autoridade implantada na vida da criança, seu papel é ser um esteio, pois enquanto a criança percebe a mãe nas funções organizadoras da casa e da vida, o pai é visto com uma função estabilizadora, que vai equilibrar a permanência do amor com momentos que exigem a autoridade. Assim, ele deve estar presente na vida da criança, ainda que não seja o tempo todo.

Ao falar sobre a presença do pai, o autor explica que os filhos podem desenvolver comportamentos antissociais de maneira inconsciente para fazer o pai aparecer como pessoa, já que ele é visto como esteio, responsável por manter a ordem. Sua presença enriquece a vida dos filhos de muitas maneiras.

141

A relação entre mãe e pai é o que fornece a estabilidade do lar, refletindo no comportamento da criança, que se apresenta mais dócil quando a relação é positiva. Um lar e ambiente emocional saudável oferece a oportunidade dos progressos naturais nas fases de desenvolvimento; pais emocionalmente maduros ajudam no desenvolvimento emocional dos filhos. A criança necessita da continuidade da relação com a mãe e o pai, podendo muitas enfermidades mentais serem originadas da separação das crianças em relação aos pais.

A qualidade das relações existentes no lar serve para dividir as crianças em grupos, havendo aquelas que possuem necessidades emocionais atendidas e aquelas que não são atendidas. É na escola que isso emerge. Os esforços artísticos de uma criança de 5 ou seis anos revelam parte daquilo que está sendo passado por seus pais e mostram até mesmo se há equilíbrio na relação.

Assim, na escola é possível observar crianças que possuem necessidades emocionais não atendidas pelo lar e que buscam isso na escola. Por outro lado, há crianças que recebem esses cuidados em casa e vão para a escola à busca da instrução acadêmica propriamente dita.

A qualidade da relação familiar também pode ser observada no ambiente hospitalar. Os resultados das visitas familiares são geralmente bons para as crianças e para os profissionais, mas há alguns casos em que podem causar dificuldades alimentares (que fogem de sua dieta),



sensação de agonia, ansiedade pela visita que ocorrerá mais tarde, tristeza, aflição, ameaças de infecções. O exagero de afeto e presentes pode sufocar a criança.

Em lares que passam por dificuldades de relacionamento, a internação hospitalar significa a experiência de livrar-se de pais autoritários ou observar determinada situação do lado de fora. De outra maneira, quando a estadia no hospital corre bem, a experiência pode significar a construção de novas brincadeiras que envolvam cuidados médicos para com os demais, contribuindo para o desenvolvimento emocional e psicológico da criança.

A respeito do desenvolvimento do bebê, o autor explica sobre a importância de conhecê-lo, pois somente assim é possível auxiliá-lo na superação de momentos difíceis de seu crescimento, tais como transições e/ou situações de descontentamentos.

Por mais que o lar e o ambiente familiar seja repleto de boas coisas, seu desenvolvimento será árduo e adaptativo. Inicialmente, são as experiências físicas que estabelecem sua relação com a mãe, mas conhecê-lo é uma tarefa contínua.

O autor atribui especialmente à mãe a tarefa de apresentar o mundo real e imaginário ao bebê e ensiná-lo a separá-los. Ele necessita de maneira absoluta de sua mãe, sendo ela a responsável por oferecer-lhe experiências que refletirão no alicerce de sua saúde física e mental, na concepção daquilo que é bom e mau, bons hábitos sociais, construção de relações humanas sadias, caráter e personalidade, a partir do momento em que se reconhece como sujeito de direitos próprios.

142

A amamentação é uma representação do mundo imaginário, pois o seio materno aparece para ele quando manifesta fome e desaparece assim que se sente saciado. É dessa forma que a mãe começa a apresentar o mundo ao seu bebê.

Da mesma forma que a amamentação, o momento do desmame amplia o campo de experiências e ajuda em seu desenvolvimento. Quando ocorre em um ambiente estável, faz parte do aprendizado de livrar-se das coisas, mas quando não se desmama sozinho, a mãe deve estar preparada para lidar com as dificuldades da não aceitação de opções de alimentação.

O autor relata que após o desmame o bebê percebe a mãe como uma pessoa má, porém esse processo é necessário para que ocorra a destruição de um imaginário ideal que possuía sobre a mãe, podendo após esse processo, percebê-la como um ser humano comum.

A respeito desse mundo imaginário, a maneira como é apresentado contribui para o desenvolvimento, fazendo com que na idade adulta tenha a sensação da realidade do mundo e daquilo que é imaginativo. Essa imaginação pode tornar o mundo mais emocionante e facilitar a experimentação de sensações e sentimentos, mas com os pés na realidade, mesclando o imaginário e o real.

A maneira de expressar o interesse pelas coisas é levando-as à boca e olhando para a mãe para perceber a aprovação ou reprovação. É como se fosse uma permissão para fazer



alguma coisa. Se a mãe aprova, ele entrega para ela como se quisesse partilhar aquela descoberta. Um pouco mais tarde torna-se capaz de prever o que é permitido ou não.

As descobertas e experiências traduzem-se em brincadeiras que refletem no início das noções sobre o lar, estabelecimento de responsabilidades conjuntas, divisão de tarefas. As brincadeiras de pai e mãe, assim como os outros tipos de brincadeiras contribuem para construir o sentido de responsabilidade.

A respeito das brincadeiras, o autor explica que as crianças brincam por prazer físico e emocional. Durante esses momentos há o escoamento de sentimentos como ódio, agressão e impulsos coléricos. Porém, é melhor que sejam transparecidos nesses momentos do que em seus relacionamentos sociais.

Além do prazer, elas brincam para dominarem angústias e controlarem ideias e impulsos. A angústia é um fator na brincadeira infantil. Deve-se destacar que a ameaça a um excesso de angústia conduz a brincadeira compulsiva ou repetida ou uma busca exagerada a prazeres que pertencem à brincadeira.

É a partir das brincadeiras que as experiências são adquiridas e as riquezas de aprendizado são acumuladas, representando uma parcela importante da vida. A personalidade evolui através das brincadeiras e invenções e iniciam-se as relações emocionais e os contatos sociais.

Através da brincadeira estabelece-se um elo entre o indivíduo e a realidade interior e entre ele e a realidade exterior ou compartilhada. É através dela que a criança liga as ideias com a função corporal; são uma espécie de autorrevelação e comunicação com o nível profundo.

O autor comenta que crianças que são filhas únicas possuem como desvantagem a falta de companheiros de brincadeiras e construção experiências resultantes da interação entre os irmãos e salienta que brincar com os pais não oferece a mesma satisfação, pois a inconsequência, irresponsabilidade e impulsividade não é a mesma, o que limita o desenvolvimento a partir desses momentos.

A respeito dos impulsos instintivos, agressivos e destrutivos revelados pelos gritos ou desejos de morder, o autor explica que são atenuados pelo papel compreensivo da mãe.

Assim, do ponto de vista do bebê, uma mordida representa a intenção de destruí-la. No contexto dos sentimentos, durante a infância há uma sequência natural de amor implacável, ataque agressivo, sentimentos de ódio, cólera, frustração, sentimento de culpa, senso de preocupação, tristeza, desejo de corrigir, construir e dar. Essa sequência é essencial, mas só ocorre quando a mãe convive com a criança em todas essas fases e possibilita a integração de elementos.

Na amamentação, por exemplo, quando o bebê realiza o 'ataque', descobre o sentimento de culpa e a principal fonte do impulso de consertar, recriar e dar. É essa culpa inata que



esperamos que surja na criança ao invés da moralidade imposta. Todo se humano precisa encontrar-se em um lugar onde controle seus impulsos instintivos (fúria, ódio, cólera, dúvida) e nos bebês também é assim. Todos os bebês e crianças possuem impulsos agressivos, sendo importante que os revele e, mediante orientação dos pais, desenvolva experiências de autocontrole.

Nos bebês, o impulso de morder é o maior exemplo da conjugação do amor e da agressividade, fazendo sentido a partir dos cinco meses de idade, aproximadamente.

Com seu desenvolvimento, tende a amar a coisa que agride e aprende a dominar as forças agressivas, colocando-as a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e trabalhar.

Porém, isso dependerá dos primeiros cuidados que recebe, os quais integrarão sua personalidade, do papel dos pais no processo de maturação da criança no decurso da vida familiar e do papel da mãe nos primeiros tempos, quando suas relações com o bebê transitam do puramente físico para aquelas em que há os fatores emocionais.

Também ligado ao instinto da agressão está o processo de destruição e construção mágica, que é substituído pela agressão concreta durante seu desenvolvimento. Assim, com o desenvolvimento a criança aprende a ser destrutiva, odiar, agredir e gritar, ao invés de aniquilar magicamente o mundo da forma que fazia quando era bebê, quando os objetos e coisas apareciam e desapareciam. Isso torna a agressão concreta uma realização positiva para a criança. Felizmente, esse ódio se converte em civilização sempre que se tem o processo de evolução emocional do indivíduo.

Ainda a respeito da expressão da agressividade, é papel do pai exercer a autoridade fazendo com que o filho retome sentimentos de culpa e desejo de corrigir-se. Porém, quando não encontra essa estrutura dentro do lar, passará a buscá-la fora e com outras pessoas (avós, tios, amigos). Caso ainda assim não a encontre, passará a buscar na sociedade.

Impulsos instintivos podem ser uma barreira para a implantação das normas e crenças nas crianças. Assim, uma das maneiras para se implantá-las é forçando a aceitação. Outra maneira é facilitar e incentivar a tendência para a moralidade inata, com base no calor e a ternura da relação pessoal com a mãe.

Destaca-se que apesar de as crianças serem influenciadas pelas normas estabelecidas pela mãe, elas acabam tendo suas próprias normas e apresentam sua livre vontade; assim, podem ser lesadas se a mãe não se preocupar com o estabelecimento dos direitos delas impedindo sua tendência inata de criar um pequeno mundo a sua volta, que seja de sua exclusiva conta.

Dessa forma, a mãe deve deixar que a criança tenha direito de dominar um pedaço da casa e que tenha um canto para limpar e decorar. Mas deixar que faça tudo à maneira dela também é prejudicial.



Entre dois e sete anos de idade ela experimentou intensos conflitos resultantes de seus instintos, que enriqueceram sentimentos e relações pessoais. Nessa fase, a qualidade do instinto aproxima-se mais daqueles que serão vividos na vida adulta do que aqueles já vividos nos primeiros anos da infância, principalmente no plano alimentar. As fantasias adquirem um novo sentido, aproximando-se com representações de pais e mães, esposas e maridos e envolve excitações semelhantes às dos adultos.

Nessa fase, as relações estabelecem-se como entre seres humanos integrais e a criança está aprendendo a perceber a realidade externa e compreender que a mãe possui vida própria. A consequência disso é, novamente sentimentos de amor, ódio, ciúme e sofrimento emocional e conflito. Quando esse conflito é demasiadamente grande aparecem as perdas de capacidade total, inibições e recalque. A expressão do sentimento é direta e o alívio mediante a autoexpressão, é possível mediante o desenvolvimento da criança.

A respeito da construção dos símbolos, é a partir deles que aprende sentimentos de agressão e amor, possibilitando experimentar e construir seu sentido de identidade. A amamentação é o primeiro exemplo de símbolo, quando corpo da mãe representa o bom objeto. Posteriormente, será substituído pelo ato de comer o alimento.

A ligação da criança com algum objeto representa a passagem de um estado de fusão com a mãe para um relacionamento com algo externo e separado, sendo esse um fenômeno sadio. Esses objetos adquirem tamanha importância que muitas vezes não podem ser lavados por que o cheiro e a textura são mais importantes do que a forma do objeto. Na imaginação da criança foi ela que os criou. Isso são técnicas que aparecem, sobretudo na hora da aflição, separação e na hora de ir dormir.

Aos poucos os fenômenos transitórios e o uso de objetos evoluem para a capacidade de brincar, mostrando novamente a importância das brincadeiras para o desenvolvimento emocional saudável, sendo uma mediação entre o mundo exterior e o sonho. A imaginação desempenha um papel importante e é mais utilizada do que as atividades lúdicas.

No desenvolvimento da criança, os instintos sexuais também podem ser percebidos e começam a aparecer como um significado de amor. A sexualidade infantil é importante. Falhas nesse sentido podem refletir em dificuldades sexuais que remontarão a adolescência e a vida adulta. Ela começa a aparecer especialmente no período entre dois e cinco anos de idade revelando-se pelo complexo de Édipo.

Ao se observar as brincadeiras infantis, os temas sexuais são identificados. Essa capacidade de identificação revela-se no comportamento concreto, na aceitação de responsabilidades, nos momentos em que as tarefas e alegrias da vida de casados da família são francamente expostas. Nessa fase ela observa as relações dos pais, tomando por base em seu processo pessoal de autodesenvolvimento.



Avançando nas discussões o autor fala sobre a delinquência infantil, observando que pode estar relacionada a uma vida familiar dotada de carências. Suprir a compulsão e impulsos primitivos de amor é importante para o bebê e reflete na sua vida juvenil e adulta, visto que o ato de roubar, por exemplo, pode significar um pedido de ajuda e uma necessidade de que o mundo adapte-se a ele, podendo mostrar falhas nas primeiras experiências do bebê, quando retirava objetos da mãe ou de outra pessoa que lhe faziam falta, buscando obter sua atenção .

A entrada na escola primária é uma experiência social exterior à família. Ela fornece um ambiente mais apropriado ao nível das capacidades infantis do que o lar, desde o mobiliário adequado às suas dimensões até à dedicação das pessoas. Por meio do convívio com crianças da mesma idade, desenvolve-se a primeira experiência como participante de um grupo de iguais, criando a necessidade de desenvolver capacidades de relações harmoniosas. Assim, as ocupações e atividades na escola maternal fornecem as bases para as potencialidades emocionais, sociais, intelectuais e físicas da criança.

A escola não é um substituto do lar, mas um complemento e ampliação. Ela dá continuidade ao trabalho da mãe. Na escola maternal, por exemplo, a criança encontra-se em uma idade de transição, da mesma forma em que passará pela fase da adolescência. Existe um processo duplo entre o lar e a escola, pois as tensões geradas em um manifestam-se como perturbações no comportamento do outro.

Em alguns momentos, a criança de 2 a 5 anos atinge uma maturidade ao mesmo tempo em que apresenta uma imaturidade assim como na adolescência e precisa de cuidados de assistência materna e paterna. Em primeira instancia esses cuidados devem ser oferecidos pelos pais, quando se trata de uma criança normal, porém, em lares não convencionais a escola maternal complementa as funções do bom lar.

Assim, a professora necessita desempenhar funções maternas e educativas, devendo enriquecer e desenvolver as relações pessoais da criança com a própria família. Ela é o esteio da vida da criança fora de casa.

Sua função é prolongar os ensinamentos iniciados em casa, permitir que a criança estabeleça relações triangulares com outras pessoas (professoras e amigos), permitir que a criança aprenda a lidar com as frustrações.

Nesse ponto, a escola é importante porque desenvolve uma atmosfera emocional e uma estrutura que permite à criança realizar experiências. Seu papel é provisionar a criança com brincadeiras que auxiliem a controlar impulsos agressivos e destrutivos, por exemplo.

Nos anos pré-escolares a brincadeira auxilia na resolução dos problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento, sendo uma maneira de manifestação infantil por meio da expressão de fantasias. As brincadeiras criam condições para a diferenciação do que é sonho e



do que é real através das histórias, desenhos e música. Isso ajuda a criança a relacionar as ideias que são livres daquelas que precisam ser tomadas em relação ao grupo.

O autor relaciona a adaptação na escola à forma como a criança foi desmamada, podendo auxiliar ou dificultar sua adaptação. Isso confirma que o momento do desmame oferece as bases para o desenvolvimento da saúde mental da criança, assim como a forma com que a mãe apresenta a realidade externa do mundo à criança. A adaptação da criança e o estabelecimento de relações com várias pessoas vai depender da experiência prévia da relação que a criança tinha com a mãe. Deve-se tomar cuidado com a adaptação na escola, pois um fracasso na forma de a professora lidar com isso pode deixar marcas na personalidade infantil por toda a vida.

A obra leva o leitor a refletir sobre o processo de desenvolvimento das crianças. Mostra muito além do desenvolvimento físico, focalizando também o aspecto emocional, psicológico, formação da personalidade e das relações sociais. Apresenta as dificuldades que rodeiam todo esse processo e atribui responsabilidades aos pais ou àqueles que desempenham tal papel, sob a formação da criança em todos os aspectos citados acima. À mãe é atribuída a maior parte das responsabilidades.

Durante toda a obra o autor utiliza uma linguagem bastante simples e compreensível e dispõe as ideias de forma sequencial, fazendo a leitura progredir conforme o desenvolvimento da criança. Porém, as ideias principais estão dispostas em todo o texto, por exemplo, o papel da mãe, do pai, a função da família, os benefícios das brincadeiras, o contato com o mundo exterior e com a realidade etc.

Assim, para a realização desta resenha foi necessário dispor as ideias principais, na ordem com que apareciam no texto e, posteriormente reorganizá-las, procurando condensar as discussões.

De maneira geral, a leitura do livro trouxe muitos benefícios pessoais e profissionais e possibilitou uma visão mais completa sobre o processo de desenvolvimento das crianças e a importância de que cada envolvido desempenhe bem o seu papel.

A leitura desse livro é indicada a mães e pais e a toda a família, especialmente àqueles que lidam com o primeiro filho (a) / criança em casa. Também é indicada para todos os profissionais da área da psicologia, especialmente para aqueles que se dedicam a trabalhar com crianças.

A leitura oferece mais segurança nos momentos em que não se sabe o que fazer: seguir o instinto ou seguir os conselhos oferecidos abundantemente. Ela é útil para se compreender o comportamento da criança e saber posicionar-se diante dela, oferecendo carinho, amor e segurança.